

Produto brasileiro deve perder mercado

Economistas e exportadores prevêm perda de competitividade com a CPMF maior

Sônia Salgueiro e Livia Ferrari, de São Paulo e do Rio

Nem mesmo as exportações, consideradas estratégicas para equilibrar as contas externas do governo, vão escapar ilelas do programa de ajuste fiscal. A perspectiva de economistas e de empresários da área de comércio exterior é de que o produto brasileiro perderá competitividade no exterior com o aumento da CPMF.

Na opinião de Roberto Giannetti da Fonseca, presidente da Silex Trading, a CPMF em cascata vai gerar sobrecarga tributária nas exportações. "Quanto maior o valor agregado do produto, maior o impacto." Além disso, o fato de os bancos passarem a pagar Cofins encarecerá ainda mais os financiamentos à exportação, já castigados pelos juros.

Pelos cálculos de Luiz Fernando Furlan, diretor-titular do Departamento de Comércio Exterior da Fiesp, por causa do efeito cascata, a CPMF vai onerar em até 5% o preço do produto brasileiro. A seu ver, "uma solução seria atenuar os efeitos da CPMF na exportação via compensação ou devolução". Hoje, o governo devolve parte da Cofins e

do PIS depois que a empresa comprova a exportação.

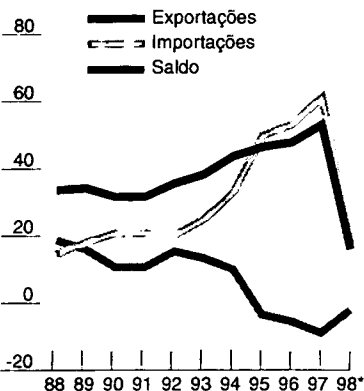
O presidente da Associação Brasileira de Comércio Exterior, Roberto Segatto, acha que as exportações vão cair. "As previsões para 1999 são as piores possíveis, porque vieram se juntar aos juros altos e à escassez de financiamento." Pelas suas estimativas, baseadas em uma CPMF de 0,35% (cogitada antes do anúncio oficial), itens de médio valor agregado terão um acréscimo de custo de 4%.

Mas nem todo mundo prevê exportações menores. "O próximo ano será extremamente difícil para a economia brasileira. Por isso, a queda da demanda interna forçará as empresas a serem mais agressivas lá fora", comentou Roberto Teixeira da Costa, presidente do Conselho de Empresários da América Latina.

Essa opinião é compartilhada por Camila de Faria Lima, economista do Banco Santander. "Como o nível de atividade interno vai ser muito baixo, as exportações podem crescer, mesmo com o pacote." Segundo ela, apesar da elevação do custo Brasil, o programa de ajuste vai res-

Comércio exterior

Balança comercial
(em US\$ milhões/FOB)



Fonte: MICT/Secex * Jan/Abr

tabelecer a confiança no País, atenuando o problema da falta de linhas de crédito à exportação.

O diretor-geral da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), Ricardo Markwald, observa que, do ponto de vista das contas externas, o ajuste fiscal recessivo poderá ter impacto positivo sobre a geração de maiores excedentes exportáveis, ao mesmo tempo em que as importações deverão continuar a perder fôlego. As projeções do governo são de um crescimento zero

do Produto Interno Bruto (PIB), mas alguns analistas já consideram quedas de até 2% no nível da atividade econômica no próximo ano.

"Mas até que ponto os maiores excedentes exportáveis terão espaço num mercado internacional mais competitivo em 1999?", indaga Markwald, lembrando as projeções da Unctad (braço das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento) de crescimento de apenas 4% ou 5% no comércio mundial em 1999. "Os preços das commodities deverão continuar em baixa; o nível das importações asiáticas deverá manter-se contido; e em 99 deverão ser mais percebidos os efeitos de aumento de competitividade das exportações da Ásia", diz Markwald.

O setor químico, que exporta o excedente de sua produção, não ficará numa situação cômoda, porque os preços dos produtos químicos não estão atrativos lá fora. "Não dá para exportar com um mínimo de resultado, tendo-se custos mais altos, um preço final baixo e dificuldades de financiamento", disse Guilherme Duque Estrada, vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Química.

Na outra ponta, a percepção é de que as importações também deverão cair, em consequência do desaquecimento do mercado local. ■